

DEANS' CORNER

Os grandes temas da atualidade nacional e internacional e as tendências da gestão analisadas pelos diretores das principais Escolas de Negócios portuguesas. Escrevem Filipe Santos, João Duque, José Crespo de Carvalho, José Esteves, Maria de Fátima Carioca, Pedro Oliveira e Rui Soucasaux Sousa.



JOSÉ CRESPO DE CARVALHO
Dean do Iscte Executive Education

Internacional: e a diplomacia económica para as universidades?

Temos um problema endémico, persistente, espalhado pelas nossas embaixadas e consulados em todo o mundo no que à diplomacia económica diz respeito. Fui recebido pelo Senhor Secretário de Estado das Comunidades a quem expliquei o problema e a quem agradeço toda a ajuda. A questão está e estava identificada e é sabido que se centra em algumas dimensões – a vários níveis que, conjugados, são apenas uma bomba-relógio – que estão a prejudicar fortemente as universidades que querem exportar ensino superior de forma séria:

Burocracia e morosidade nos vistos:

• A burocracia e a demora na obtenção de vistos são desafios significativos para qualquer estrangeiro “overseas” que nos procure. Reuniões com chineses, paquistaneses, indianos, interlocutores de países do Médio Oriente, às vezes mesmo, pasme-se, com alguns PALOP, atiram-nos para uma situação terceiro mundista inaceitável. Se só para receber uma comitiva de visitantes responsáveis por empresas ou universidades de alguns destes países são inúmeras as

vicissitudes dos tempos de visto, imagine-se para um estudante!?

• Muitos estudantes enfrentam dificuldades em reunir documentos e os prazos longuíssimos e, sobretudo, a incerteza em todo o processo de visto tornam-se incomportáveis. Um estudante que paga a propina e é aceite pela universidade – a menos que haja alguma questão cadastral ou outra que ao SEF, ou seu sucedâneo, diga respeito – não pode ser retido pelas nossas embaixadas e consulados com o pretexto de que não sabe inglês ou porque o ano letivo começa em setembro e os candidatos estão a pedir vistos para iniciar em março. Mas desde quando o ensino superior, e isto é de lei, não sabe avaliar os requisitos de língua dos seus alunos ou não pode abrir programas fora do tradicional ano letivo? Que se analise o que vem na lei como competência de consulados e embaixadas, mas que não se misture com o que diz respeito à universidade.

• Essas barreiras, claro está, desencorajam potenciais estudantes internacionais de escolher Portugal como destino de estudo. E os nossos concorrentes na Europa comunitária agradecem.

Aproximações à diplomacia económica na União Europeia:

• Outros países da União Europeia adotaram estratégias eficazes de diplomacia económica: Espanha, aqui ao lado, nada tem a ver com Portugal. Há estudantes a pedir visto em Espanha para virem estudar para Portugal! Ou devemos ter um “branch” em Espanha? Acha-se isto normal?

• Reconhecem a importância do ensino superior como produto de exportação valioso – diria valiosíssimo. Porque quem quer vir, virá. Resta saber como virá.

Não estamos a olhar a sério para o que o ensino superior pode ajudar num futuro muito próximo. É cada dia que passa é um dia ganho por outros países comunitários.

• Simplificaram os processos de visto, oferecem bolsas de estudo atrativas e promovem as suas instituições de ensino superior no exterior.

• Divulgam o trabalho das universidades que, presentes em “rankings” internacionais de relevo, conseguem atrair estudantes “overseas”. A visão, do nosso lado, deve levar Portugal à Ásia, à América Latina e ao Médio Oriente. De que serve, no final do dia, termos em Portugal 5 escolas nos “rankings” do Financial Times?

Oportunidade na quebra das pirâmides etárias envelhecidas, fazendo reformas:

• A quebra das pirâmides etárias envelhecidas em muitos países europeus é uma oportunidade única se trabalharmos com países asiáticos, do Médio Oriente ou da América Latina. Para isso precisamos de reformas e de uma outra abordagem económica ao ensino superior.

• E, lá está, o setor do ensino superior é uma área de crescimento promissora que resolve vários problemas: adequação da mão de obra que precisamos, educação, inserção em comunidades estudantis internacionais.

No final devemos questionar-nos do seguinte: é óbvio que não vamos conseguir construir um futuro sustentável sem repormos níveis populacionais jovens. É evidente que terá de haver imigração. O que preferimos? Que venham pelas vias ilegais ou que venham estudar, integrar comunidades estudantis, frequentar as nossas universidades e depois possam passar ao mercado de trabalho? Parece-me que não estamos a olhar a sério para o que o ensino superior pode ajudar num futuro muito próximo. E cada dia que passa é um dia ganho por outros países comunitários. ■

Marilene Alves

